



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA CLÁUDIA FERNANDES DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS DE MENINA: A INFÂNCIA NO INTERIOR DO NORDESTE NA
PERSPECTIVA DE RACHEL DE QUEIROZ**

**CAMPINA GRANDE
2022**

ANA CLÁUDIA FERNANDES DEARAÚJO

**MEMÓRIAS DE MENINA: A INFÂNCIA NO INTERIOR DONORDESTE
NA PERSPECTIVA DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a / ao Coordenação / Departamento do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Infantil.

Orientador: Profa Dra Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE
2022**

A663m Araujo, Ana Claudia Fernandes de.
Memórias de menina [manuscrito] : a infância no interior do
nordeste na perspectiva de Rachel de Queiroz / Ana Claudia
Fernandes de Araujo. - 2022.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Infância. 2. Crônica. 3. Memória. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ANA CLÁUDIA FERNANDES DE ARAÚJO

MEMÓRIAS DE MENINA: A INFÂNCIA NO INTERIOR DO NORDESTE NA
PERSPECTIVA DE RAQUEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura Infantil.

Aprovada em: 04/08/2022

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Prof. (a) Dr. (a) Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Moura Montenegro
Prof.ª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Monalisa Barboza Santos Colaço
Prof.ª. Me. Monalisa Barboza Santos Colaço.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico ao meu Deus e Senhor que me ajudou a chegar até aqui
e guia sempre os meus passos.

*A vida não é a que a gente viveu
e sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.
Gabriel García Márquez.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	ASPECTOS DO GÊNERO CRÔNICA	08
3	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA	08
3.1	<i>A infância no interior do Nordeste</i>	09
4	CONSTRUÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA	10
5	ANÁLISE DE DADOS: IMAGENS DO COTIDIANO SOCIAL, CULTURA E LÚDICO DE UMA MENINA NO INTERIOR DO NORDESTE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	12
5.1	<i>Caracterização da Narradora / contadora de memórias</i>	15
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
	REFERÊNCIAS	17
	ANEXO – CRÔNICAS DO LIVRO.....	19

MEMÓRIAS DE MENINA: A INFÂNCIA NO INTERIOR DO NORDESTE NA PERSPECTIVA DE RACHEL DE QUEIROZ

ANA CLÁUDIA FERNANDES DE ARAÚJO

RESUMO

Este artigo é um estudo das memórias da infância apresentada no livro *Memórias de Menina* (2003) da escritora Rachel de Queiroz. A partir da leitura das onze crônicas presentes no livro, selecionamos quatro delas para investigar como era a escola onde a autora estudava quando era criança, elencando a importância das mudanças educacionais como melhoria para o ensino no Brasil, refletir sobre a infância no Nordeste, uma vez que, trata-se de como a autora viveu nesse ambiente nos dias de hoje. Analisando a importância da imaginação no desenvolvimento da criança, a capacidade de criação e imaginação, e a alegria da chegada do inverno. Dessa maneira, iremos analisar como as crônicas, são retratada? Qual o lugar que ela ocupa no seu grupo social e no espaço onde vive? E de que maneira retrata o universo lúdico e imaginário infantil? As crônicas estudadas foram: “Escola antiga” (p.7- 8), “Menina do interior” (p.11-12), “Brinquedo” (p.23) e “Verde” (p.11-21). Nesse sentido, a pesquisa objetiva investigar de que maneira a infância aparece retratada e como a criança, mais especificamente a menina, se relaciona com a cultura, os adultos e o espaço no qual está inserida. A metodologia é baseada em uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. O trabalho fundamenta-se nos estudos de Ariés (1981), e Del Priore (2010), sobre a infância enquanto concepção e abordagem na escritura literária; Bosi (1994) acerca da memória; Candido (2003) sobre o gênero crônica, entre outros.

Palavras-chave: Infância. Rachel de Queiroz. Crônica. Memória.

ABSTRACT

This article is a study of childhood memories presented in the book *Memórias de Menina* (2003) by the writer Rachel de Queiroz. From the reading of the eleven chronicles present in the book, we selected four of them to investigate what the school where the author studied as a child was like, listing the importance of educational changes as an improvement for teaching in Brazil, reflecting on childhood in the Northeast, a since, it is about how the author lived in this environment nowadays. Analyzing the importance of imagination in child development, the ability to create and imagination, and the joy of the arrival of winter. In this way, we will analyze how the chronicles are portrayed? What place does she occupy in her social group and in the space where she lives? And how does it portray the playful universe and children's imagination? The chronicles studied were: “Old school” (p.7-8), “Menina do interior” (p.11-12), “Toy” (p.23) and “Green” (p.11-21). In this sense, the research aims to investigate how childhood is portrayed and how the child, more specifically the girl, relates to culture, adults and the space in which she is inserted. The methodology is based on exploratory research of a qualitative nature. The work is based on studies by Ariés (1981) and Del Priore (2010), on childhood as a conception and approach in literary writing; Bosi (1994) about memory; Candido (2003) on the chronic genre, among others.

Keywords: Childhood. Rachel de Queiroz. Chronic. Memory.

1. INTRODUÇÃO

As memórias da infância são abordadas por muitos cronistas brasileiros, dentre eles podemos citar Manuel Bandeira, Rubem Braga, Cecília Meireles e Mário de Andrade¹. Cada autor aborda o tema a partir de ângulos, épocas e vivências específicas.

A escolha do livro de Rachel de Queiroz, intitulado *Memórias de Menina* (2002), foi motivada inicialmente pela identificação com o contexto social e cultural presente na obra, ou seja, a região Nordeste das primeiras décadas do século XX, cenário marcado pela seca, pobreza, desigualdade social, mas também pelo relato, a partir da perspectiva da menina, das brincadeiras na rua, dos brinquedos feitos à mão, da magia do circo, da presença da avó no cotidiano familiar, das festas de aniversário, Natal, São João, etc. Universo análogo ao que na infância vivenciei.

Além desta razão, identificamos uma carência de estudos sobre a obra, em pesquisa na internet e sites de artigos acadêmicos, assim como de dissertações e teses, não encontramos nenhum estudo verticalizado do livro infantojuvenil de Rachel de Queiroz.

Embora seja uma obra cuja primeira edição é de 2002, um ano antes da morte da autora, o livro continua pouco divulgado. Outro aspecto que também chamou a atenção para o livro foi a qualidade das ilustrações produzidas pela ilustradora Mariana Massarani, que já ilustrou mais de 200 livros infantojuvenis. Os desenhos de Massarani caracterizam-se pela delicadeza dos detalhes e pela aproximação com os traços infantis. Suas cores e traços aproximam-se também dos cartoons e caricaturas. (RODRIGUES, 2005).

O objetivo geral é mostrar através da análise das crônicas que compõem o livro de Raquel de Queiroz, de que maneira a infância aparece retratada e como a criança, mais especificamente a menina, se relaciona com a cultura, os adultos e o espaço no qual está inserida. Nossa metodologia é baseada em uma pesquisa exploratória, visto que tem a finalidade de proporcionar uma visão da perspectiva sobre a infância na obra de Rachel de Queiroz, a natureza é qualitativa, pois permite ao pesquisador ampliar o conhecimento, formulando problemas e desenvolvendo outras pesquisas e a técnica aplicada é bibliográfica, ou seja, o conteúdo para análise já foi elaborado, fazendo parte de livros, artigos científicos, assim como, o corpus também está restrito a uma obra literária.

O livro *Memórias de Menina* (2002) é composto por onze crônicas que recuperam a infância de Queiroz através de memórias. A narração focaliza tradições e práticas socioculturais do interior nordestino, por meio da qual se recorda a dor de uma palmatória na escola quando criança; a magia do circo; a desigualdade social entre ricos e pobres; a exploração do trabalho infantil; a distinção de gêneros entre as funções para meninas e meninos; a dificuldade da seca levando os pais a passarem a responsabilidade de cuidar dos irmãos para a filha mais velha; a alegria do nordestino ao ver a chuva; as fantasias e imaginações da criança por meio das brincadeiras; as tradições e costumes relacionados aos festejos populares e cristãos.

¹ A título de sugestão de leitura sobre a temática das memórias da infância em obras dos autores citados indicamos as leituras: *Crônicas de Educação*, v. 1 (publicadas inicialmente no período de 1930-1932), de Cecília Meireles; *Os filhos de Candinha* (1943), de Mário de Andrade; *Casa dos Braga: memória de infância* (1997), de Rubem Braga e *Andorinha, Andorinha* (1966), de Manuel Bandeira.

O trabalho está organizado a partir de uma introdução e cinco tópicos subsequentes: o primeiro “Breve considerações sobre a autora”, traz um pouco sobre a vida e as obras de Rachel de Queiroz. O segundo tópico “Concepções históricas da infância”, apresenta dois subtópicos: “Aspectos histórico na construção da concepção de infância” e “a infância no interior do Nordeste”. No terceiro tópico discutimos sobre a construção acerca da memória. No quarto, reunimos reflexões teóricas e críticas acerca do gênero crônica. Por fim, temos o quinto tópico: “Análise dos dados: Imagens do cotidiano social, cultural e lúdico de uma menina no interior do Nordeste nas primeiras décadas do século XX”.

2. ASPECTOS DO GÊNERO CRÔNICA

A crônica é um gênero textual que está ligado à literatura e ao jornalismo. Desse modo, o fato de Rachel de Queiroz produzir um livro formado por crônicas não é uma novidade, já que se trata de uma autora que é um ícone da literatura e também escreveu para vários jornais. Mas como exatamente é estruturada uma crônica?

A crônica como o nome sugere está relacionada ao tempo: “*khronos*”, que significa tempo. Geralmente caracteriza-se como uma narrativa curta que apresenta situações corriqueiras do cotidiano e normalmente é formado por uma linguagem simples (coloquial), com poucos personagens, espaço reduzido e escrita em 1ª ou 3ª pessoa. Existem vários tipos de crônicas como a crônica jornalística, a crônica histórica, a crônica humorística a descritiva e a dissertativa, esta última sendo a utilizada pela nossa autora, que utiliza a crônica nesta situação por ser um gênero que se aproxima muito da realidade, isso, permite uma profundidade na visão do leitor:

Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 2003, p. 89).

O gênero crônica denominado, inicialmente, de *folhetim*, que era a nota de rodapé dos jornais com questões do dia a dia, com o decorrer do tempo passou de um artifício de informar para se tornar algo para diversão, em seguida foi contemplado com uma escrita que algumas vezes tendenciava para a poesia, outra vezes para o sarcasmo e esnobismo, até chegar ao gênero que é hoje “É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’”. (TUZINO, 2009 APUD MELO, 1985, p.113-114).

A crônica tem uma relação de intimidade com o leitor brasileiro, e se for narrativa como estas aqui analisadas, trazem uma reflexão cotidiana que ainda distante, se aproxima da realidade do leitor. Segundo Candido (2003, p. 99), “é que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo”.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA

Rachel de Queiroz foi escritora dos 19 aos 92 anos e durante este tempo várias são as nuances que os seus livros abordam, mesmo ela dizendo várias vezes que preferia escrever

como jornalista do que literária. Suas obras sempre forneceram um espaço de cunho denunciador ou que chamasse a atenção dos leitores para situações cotidianas ou desigualdades sociais, tendo como cenário o Nordeste, brasileiro, destacando a miséria, fome, sofrimento e a garra das pessoas nordestinas.

Rachel é um nome consagrado na literatura Brasileira, primeiro porque foi essencial para o modernismo, assim como foi a primeira mulher a entrar na academia Brasileira de Letras. O seu desenvolvimento intelectual veio do berço, uma vez que

3.1 A infância no interior do Nordeste

No interior do nordeste as crianças das classes menos privilegiadas vivem sobre precárias condições de vida, devido à baixa renda familiar, situação econômica que é consequência da falta de investimentos governamentais em educação, saneamento básico, saúde, emprego. Na época em que se passam as histórias de Rachel de Queiroz, a seca assolava a região, levava a uma taxa alta de desnutrição, mortalidade infantil, exploração do trabalho infantil e êxodo rural. Hoje está claro que o problema não era a seca, mas o uso político que era feito. Durante décadas, "a negligência política" foi utilizada para eleger candidatos de famílias tradicionais da região, assim como enriquecer oligarcas regionais.

Esta situação perdurou por muito tempo e, ainda acomete a região, a própria Rachel de Queiroz, passou por grandes situações de fome, que a fizeram deixar o Ceará, quando criança com os seus pais. Muitas pessoas foram obrigadas a deixarem suas terras para não morrer de fome:

Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada. (CASTRO, 1994. p. 166).

Neste ambiente é comum os pais precisarem da ajuda dos filhos para sobreviver. Enquanto os pais e os meninos vão para o roçado, as meninas cuidam dos irmãos mais novos e ajudam nos trabalhos domésticos dentro de casa. O problema é que isto, além de tirar a oportunidade destas crianças irem para a escola, roubam os sonhos e os direitos que as crianças têm perante a lei para ser criança. Não é culpa dos pais, mas sim de governantes inescrupulosos que há séculos estão roubando esse direito das crianças ao invés de assegurá-los como está na constituição de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

A cobrança sobre essas famílias para assegurar os direitos destas crianças é forte, mas a situação econômica destas famílias não é resolvida. As situações de seca continuam a vir e o suporte para tais situações ainda são quase extintas. Por esse motivo, ainda existem muitas crianças fazendo trabalho de adulto nas regiões mais pobres do Nordeste. Segundo dados do BNC (2017), o Nordeste é uma das regiões que apresentam os piores indicadores sociais e maior concentração de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. "As regiões que convivem com os piores indicadores, seja de pobreza ou de acesso a serviços de saneamento básico, educação de qualidade e saúde, são exatamente as que têm uma concentração maior de população entre 0 e 19 anos". (BNC, 2017).

O trabalho infantil é proibido no Brasil, como vimos anteriormente pelas leis citadas, mas no interior do Nordeste isso ainda acontece. De acordo com a Heloísa Oliveira, administradora-executiva da Fundação Abrinq, em entrevista à Agência Brasil, está diferente do que acontecia há 20 anos,

porque as empresas não contratam mais estas crianças, a exploração infantil vem do seio familiar...

Esse trabalho infantil está mais vinculado às famílias. E especificamente [na faixa] de 5 a 9 anos, está com uma concentração muito grande na agricultura familiar”, disse Heloísa, ressaltando que o trabalho infantil também está relacionado à terceirização de mão de obra, como no setor de confecções. BNC (BRASIL NORTE COMUNICAÇÃO, 2017).

Sabemos que a exploração infantil não acabou, muitas crianças de classes menos privilegiadas continua sem o direito aos sonhos e a uma formação educacional que garanta, quando adultos, ter um espaço no mercado de trabalho e uma vida financeira equilibrada, esta é a realidade de algumas regiões do país, como o Nordeste, Conforme dados publicados pelo estatuto da Fundação Abrinq (SP) intitulado "O Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2019":

No nordeste brasileiro são 14,3 milhões de crianças e adolescentes com idades entre zero e 19 anos na área urbana e mais de 6 milhões na área rural. Ainda no Nordeste são mais de 78 mil crianças e adolescentes fora da escola. A região ainda está no topo das áreas do Brasil com estabelecimento sem quadras esportivas para lazer das crianças (78,6%). (CBN RECIFE, 2019).

Rachel de Queiroz retrata esta realidade injusta vivida pelas crianças no livro *Memórias de Menina* (2002). Suas crônicas enfocam assuntos como a educação, o trabalho infantil, as desigualdades de classes sociais. Com relação à educação, aborda sobre o ensino tradicional, retratando a obrigação de aprender através da repetição e por meio da pressão da palmatória.

Em seguida, Queiroz fala sobre o encontro com as pequenas felicidades que as crianças tinham, como a chegada do circo quem embora passassem pouco tempo na suas localidades, as crianças podiam prestigiar o espetáculo como também os treino dos artistas por isso sabiam das mágicas que seriam realizadas e a autota vai destacando como ficou a vida das crianças com o passar dos séculos, trazendo as diferenças sociais que existem entre as crianças, as ricas tinham condições de ter lazer como andar de moto na praia e as crianças mais pobres precisavam ajudar em casa com as tarefas domésticas, assumindo a responsabilidade de tomar de conta de outros irmãos. E no período atual, apesar da criação de políticas públicas como programas assistenciais para garantir uma renda mínima para as famílias, muitas crianças ainda permanecem fora da escola ou sem acesso à educação escolar de qualidade. Realidade de longa data e que está presente nas memórias relatadas por Rachel de Queiroz.

4. CONSTRUÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA

A memória é uma das formas mais significativas de estabelecer a importância das situações vivenciadas, contribuindo para o crescimento psicológico e social das pessoas, uma vez que, a memória é um processo cerebral com função de armazenar e depois resgatar as informações mais importantes, por isso, dizemos que temos memória seletiva, por meio da qual é excluído o que não é considerado necessário para as funções do nosso cotidiano e guardado apenas os momentos considerados importantes. As memórias são essenciais porque nos auxiliam a compreender comportamentos e situações do presente, já que a memória permite fazer uma comparação entre o que aconteceu e o que está acontecendo

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994. p. 09).

Quando a autora apresenta este livro das memórias de uma menina, por meio das crônicas, ela traz o passado para o presente, situações que as crianças do interior do Nordeste passaram por conta da seca e da desigualdade social, e conseqüentemente mostra que as crianças nordestinas passam por situações análogas ainda hoje. Ou seja, a autora recorre a palavra memória para mostrar que na infância existem acontecimentos que são únicos e ficam guardados em nosso subconsciente, mas também existem situações que se repetem automaticamente no decorrer do tempo como o trabalho infantil que acontece até hoje. Essas memórias representam a dicotomia que, segundo Bosi (1994), temos por meio de duas memórias diferentes: a chamada memória-pura que traz as lembranças de momento únicos que não foram repetidos e a memória-hábito que está no presente porque se repete como uma ação única:

a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, [...] refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. (BOSI, 1994. p. 11).

Por isso, Bosi (1994, p.15) afirma que: “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança”.

A memória tem uma importante função social de mostrar que as tristezas passadas podem ser superadas por alegrias do presente, isto torna a vida mais fácil de suportar os percalços que aparecem diariamente. No caso do livro *Memórias de menina* essa função acontece das duas formas, pois as lembranças dos momentos do faz de conta do brinquedo, que eram antigamente utilizados mais pela imaginação da criança ajudando-as a desenvolver-se cognitivamente as boas lembranças, de um momento que não volta mais, já o sofrimento das crianças que recebiam palmatórias nas mãos quando não acertavam as questões, hoje já não existe, mostrando a situação das crianças nas escolas atuais que é bem melhor do que antes:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de demonstrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 1994. p. 82).

Essa finalidade por encontrar ouvidos atentos está relacionada ao desejo de Queiroz nesta obra, ou seja, que as crianças e os adultos leiam e saibam como era a vida das crianças no interior do sertão nordestino e como está hoje, as mudanças e as melhorias que fizeram as lembranças dela serem importantes para os futuros leitores desta obra.

5. ANÁLISE DE DADOS: IMAGENS DO COTIDIANO SOCIAL, CULTURA E LÚDICO DE UMA MENINA NO INTERIOR DO NORDESTE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A infância é o tema primordial desta obra, que retrata vivências das crianças do interior do sertão nordestino na década de 1920. A representação da infância neste livro apresenta por um lado problemáticas como a exploração infantil, a desigualdade social, a distinção de gênero e, por outro, a inocência marcada pelo lúdico, pela fantasia, pelas brincadeiras. A autora desenvolve essas representações com a intenção de mostrar aos leitores várias faces da infância nordestina. Desse modo, mostraremos a representação da infância em quatro crônicas escolhidas no livro *Memórias de Menina* (2002): “Escola antiga”, “Menina do Interior”, “brinquedo” e “Verde”, para mostrar um pouco quais são as suas perspectivas sobre as situações cotidianas no interior do Nordeste.

A primeira crônica a ser abordada é intitulada “Escola Antiga”. Esta crônica retrata a infância das crianças na escola dos anos de 1920. Queiroz consegue trazer de forma sensível como os alunos aprendiam na escola, mas mostrando que a *Escola Nova*, movimento organizado pelos chamados pioneiros da Educação e encabeçado por Anísio Teixeira, para ela é bem mais interessante. Na escola antiga, os alunos eram obrigados a decorar a tabuada, e um treinava com o outro tendo à palmatória na mão, quem não acertava, ficava com a mão doendo. Mas ela apresenta esses fatos para compreendermos que se trata de uma memória de algo que era comum em seu tempo, essa forma de ensino era considerada “normal” e a palmatória era uma forma de controlar as crianças, uma pedagogia pautada no medo e na dor:

As crianças decoravam a tabuada em voz alta, [...] Na hora da sabatina, os alunos de toda a classe, de pé, formavam uma roda, com a palmatória à vista, na mão da professora [...] A casa de sete, por exemplo, era a mais difícil:” Sete vezes seis, sete vezes oito” – já sabe, o coitado errava, a professora mandava o seguinte corrigir e, se ele acertasse, tinha direito dedar um bolo de palmatória na mão de quem errou. Doía como fogo. (QUEIROZ, 2002. p. 8).

Isso acontecia porque, para a época isso era considerado normal e adequado, pois neste período o contexto era que a escola tinha o dever de preparar o cidadão para uma organização social, logo, a criança precisava ser dócil e disciplinada, formando indivíduos obedientes para o trabalho, com o objetivo de disciplinamento de corpos.

No entanto, a representação da infância nesta crônica é importante para mostrar a necessidade que havia de uma nova escola, de uma educação baseada nas necessidades de crescimento intelectual desses alunos, com respeito e dignidade, protegendo-os dos maus tratos na escola tanto dos professores quanto dos outros colegas de sala, seja uma agressão física ou verbal.

Por fim, ela fala que as coisas mudaram depois da *Escola nova*, mas o que foi a “Escola nova”? Foi um movimento de maior impacto principalmente na Europa no século XX, influenciado pelas ideias de John Dewey (1859-1952), que buscava a liberdade de pensamento como instrumento de maturidade infantil e a democracia, mas no Brasil o pioneiro das ideias foi Rui Barbosa e o movimento foi liderado por Anísio Teixeira:

Na escola renovada, porém, o aluno é o centro. Há uma preocupação muito grande com a sua natureza psicológica. Dessa maneira, os conteúdos giram em torno dos interesses infantis e, como ressalta SILVA (1986), a criança é o centro gravitacional

do processo educativo. Enquanto facilitador da aprendizagem, o professor deve esforçar-se por despertar o interesse e provocar a curiosidade. (SANTOS, 2006. p.138).

Depois da “Escola Nova”, muitas foram as mudanças em sala de aula, mas com certeza foi a partir deste movimento que os alunos passaram a ser visto de uma forma diferente, agora como centro, tendo o professor como provocador e incentivador a educação tem uma continuidade, a partir do desejo desses alunos motivados a querer fazer um país diferente, cada vez mais justo e com uma educação de qualidade.

A Segunda crônica analisada é “Menina do Interior”. Podemos dizer que esta é uma das mais críticas a ser investigada, já que possibilita uma reflexão acerca da desigualdade social e de gênero. O enredo acontece em volta do cotidiano das famílias do Nordeste, do interior e da cidade. Primeiro encontramos a situação da desigualdade social, isso é representado quando a narradora faz a distinção entre a vida das meninas da cidade e o cotidiano das meninas do interior: “Menina de cidade, passeando de moto, dourando na praia, mal sabe como é dura sorte da mocinha do interior. Nas famílias mais pobres então! De pequenina, sete a oito anos, já recebe um irmão menor para criar.” (QUEIROZ, 2002. p.11).

As meninas da cidade estão inseridas em um contexto social e cultural mais privilegiado, normalmente só o pai trabalha para sustentar a família enquanto sua mãe fica cuidando da casa, mas as meninas do interior como a mãe precisa ir ajudar o pai na plantação, então elas precisam cuidar dos serviços domésticos, bem como, cuidar dos irmãos mais novos.

A desigualdade começa entre a situação financeira das famílias, os pais do interior sem condições financeiras precisam da ajuda dos filhos para poder trazer comida para casa, muitas vezes estas crianças precisam também ajudar fora de casa, como retrata a autora: “Nas famílias mais pobres, elas também vão para o roçado, junto com os homens da casa, capinar de enxada”, (QUEIROZ, 2002. p. 12), isso era recorrente nas famílias do interior do Nordeste, devido os períodos de seca da região atingindo agricultores e empresários de pouco porte que dependiam desses alimentos para o comércio, o que leva a exploração do trabalho infantil:

A inserção precoce no trabalho, sobretudo em atividades como o trabalho informal urbano e o trabalho doméstico, tem como motivos, além da necessidade financeira, [...] em locais onde existe uma demanda por mão de obra mais barata, necessidade econômica das famílias e escassez de equipamentos institucionais no espaço em que essas crianças e adolescentes se situam. (PATRIOTA, ALBERTO, 2014, p.905).

Entre esses trabalhos solicitado às crianças encontramos também a diferença de gêneros bem marcada na obra, em que a obrigação das meninas é cuidar dos irmãos com a responsabilidade de mãe e fazer todos os trabalhos domésticos, enquanto os meninos irão acompanhar os pais ou fazer trabalhos em ambientes comerciais ou industriais...

De pequenina, sete a oito anos, já recebe um irmão menor para criar. E o costume é que ela crie o menino como se fosse mesmo mãe dele, com toda responsabilidade. Também é das meninas a obrigação de trazer água para casa; e quando os irmãos crescem, são elas que lavam e passam a roupa deles e ajudam a mãe na cozinha. (QUEIROZ, 2002.p. 11-12).

O contexto social desta época era que as mulheres eram naturalizadas para cuidar da casa e dos filhos, seu corpo era programado para isso, até médicos utilizavam da medicina para mostrar que a mulher era dominada pelas mudanças hormonais, não tinham capacidade

nem conhecimento para trabalhar fora de casa. As meninas já cresciam sabendo que tinham a obrigação de ajudar as mães nas tarefas domésticas e cuidar dos irmãos. Lima e Almeida (2010, p. 357) identificaram que para as meninas, a ajuda doméstica é tratada mais no registro da "obrigação", isto é, são atividades cotidianas regulares que podem ser bastante intensas, vivenciadas a partir de um enquadramento moral mais explícito.

A crônica “Brinquedo” é o momento mais lúdico entre os textos, porque ela não trata só sobre brinquedos, ele é a representação dos sonhos destas crianças. Este texto fala sobre a importância da imaginação para o desenvolvimento da criança, a brincadeira não está só atrelada ao brinquedo, mas tudo que através da imaginação possa parecer uma brincadeira: “Brinquedo, para divertir, não precisa ser complicado. Criança gosta é de usar o faz-de-conta. E dizendo “FAZ-DE-CONTA”, pedaço de pau vira espada mágica, vassoura vira cavalo, cadeira vira avião”. (QUEIROZ, 2002. p. 23). Assim, pensando numa aceita definição do termo lúdico, tem-se que:

[...] se o termo tivesse ligado a sua origem, o lúdico estaria se referindo apenas ao jogo, ao brincar, ao movimento espontâneo, mas passou a ser conhecido como traço essencialmente psicofisiológico, ou seja, uma necessidade básica da personalidade do corpo, da mente, no comportamento humano. As implicações das necessidades lúdicas extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo de modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo do jogo. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, trabalhando com a cultura corporal, movimento e expressão (ALMEIDA, 2008 *apud* SILVA, 2011, p.12).

A autora apresenta o texto “Brinquedo” para mostrar que antigamente mesmo diante das dificuldades encontradas pelas famílias, e todo o trabalho infantil destacado em sua obra, as crianças não deixavam de ser crianças e transformavam objetos em brinquedos porque a ludicidade está dentro de cada criança, ela também mostra a evolução dos brinquedos para mostrar que o brinquedo físico com avanços tecnológicos terminam por diminuir a vontade de forçar a imaginação já que tem os brinquedos em suas mãos: “Mas, aqui entre nós, com todos esses brinquedos espetaculares, será que, lá no fundo do coração, a garotada não sente falta das brincadeiras antigas? Brinquedo, para divertir, não precisa ser complicado”. (QUEIROZ, 2002. p. 23).

Não podemos esquecer que também reflete a visão da infância roubada, uma vez que, antes do final da década de 1988, muitas das crianças não sabiam o que era uma brincadeira, passavam da idade do infantil para adultos, já acompanhando nos trabalhos dos adultos.

O mais importante nesta crônica é mostrar que não devemos esquecer a importância do lúdico na vida de uma criança, independente da época, pois este período faz parte do crescimento da criança transformando-a em um adulto mais estabelecido psicologicamente:

Ainda sobre o lúdico na formação da criança, Cunha (2007) afirma que o brincar lúdico possui funções como estimular atividades individuais e coletivas, desenvolver a inteligência e a criatividade da criança, estimular a concentração e atenção, valorizar o brinquedo como meio de desenvolvimento intelectual e social, permitir mais autonomia da criança, incentivar o desenvolvimento de responsabilidades e enriquecer as relações familiares entre pais e filhos. (LUDICIDADE, 2019. p. 9).

A ludicidade é um caminho para expandir os sonhos, estas crianças sonhavam e podiam em seu mundo de imaginação sonhar com uma realidade diferente da que eles tinham, com alimentos adequados, sem precisar trabalhar, do amor dos seus pais e uma

educação de qualidade.

Na crônica “Verde”, a narradora, ao mesmo tempo em que enaltece o Nordeste com um lugar, que devido ao seu clima, tem poucas doenças, mostrando o quanto é essencial ter o momento de chuva e o momento de seca, reforça a ideia da importância da chuva para agricultura:

A gente lá adora o inverno, com suas águas, mas também gosta do tempo seco [...]. Por ali não existem essas doenças dos climas úmidos, como impaludismo, as feridas bravas, a Sapiranga nos olhos, tantas outras. Todo mundo colheu e guardou o milho e o feijão. Tendo mais uma cabra para dar leite às crianças, as galinhas no quintal, mandioca para fazer farinha, os sertanejos acham que é uma boa vida. (QUEIROZ, 2002.p.20)

Na maioria dos livros da autora Rachel de Queiroz ela destaca os prazeres e também o sofrimento das pessoas que moram em sua região natal, mas para a autora mesmo com tantas dificuldades trata-se de um lugar com pessoas admiráveis, que vivendo seu suor e lutam por uma vida melhor. A chuva para os nordestinos que são assombrados pela seca corresponde a um grande presente divino tornando-se uma grande riqueza para todas as pessoas que moram nesta região. Assim, os Nordestinos e a sua terra não são retratados de maneira vitimizada, como coitadinhos, mas são retratados pela força e coragem.

5.1 Caracterização da narradora/ contadora de memórias

O livro *Memórias de Menina* é narrado alguns momentos em 1ª pessoa e em outros em 3ª pessoa, isso porque a narradora tem a intenção de aproximar o leitor da situação ocorrida em suas memórias ao ponto que ele possa se identificar com uma situação ou outra que ela passou em sua infância. De acordo com Chiappini e Leite (1997, p. 7), “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas”.

A narradora na crônica “Brinquedo” caracteriza-se como onisciente, uma vez que sabe tudo sobre a história e também pode ser considerada intrusa, porque em algumas situações ela fala com o leitor opinando: “mas, aqui entre nós, com todos esses brinquedos espetaculares, será que, lá no fundo do coração, a garotada não sente falta das brincadeiras antigas?”, (QUEIROZ, 2002. p. 23). O diálogo com o leitor está também na crônica “Escola Antiga”: “Vocês sabem o que é? é a tabela das quatro operações, com números de um a dois algarismos” (QUEIROZ, 2002. p 7). De acordo com Chiappini:

Esse tipo de NARRADOR tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, *por trás*, adotando um PONTO DE VISTA divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse *de fora*, ou *de frente*, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. (CHIAPPINI, 1997, p. 25).

Devido às crônicas retratarem situações que a autora passou em sua vida real, querendo ou não, temos a presença de uma narradora parcial, pois é um narrador que se identifica com a personagem principal das crônicas. Constatamos, assim, que na obra em análise encontramos vários tipos de narradores e os textos são alternados com a presença do discurso direto e o discurso indireto. Mas quem é esta contadora de histórias do interior

nordestino? Qual o lugar que ela ocupa no seu grupo social e no espaço onde vive? E de que maneira retrata o universo lúdico e imaginário infantil?

A menina que vivencia as histórias narradas vive nas primeiras décadas do século XX como relata na crônica “Escola antiga”: “Isso se passava lá pela década de 20” (“Escola antiga”, p.7). É uma menina que conhece as diferenças existentes na vida de uma moça da cidade e de uma jovem do interior. Ao narrar as diferenças na vida na cidade e no campo/interior, a narradora denuncia o descompasso entre o espaço urbano, aonde já chegou transformações como a motocicleta, trazendo mudanças no comportamento das moças, e o interior onde a menina continua aprisionada ao mundo doméstico:

Menina da cidade, passeando de moto, dourando na praia, mal sabe como é dura a sorte de mocinha do interior. Nas famílias mais pobres, então! De pequenina, sete a oito anos, já recebe um irmão menor pra criar. [...] fazer mingau, banhar a criança, embalar à noite, cuidar dele em tudo, até nas doenças. (QUEIROZ, 2002. p.11).

As crônicas analisadas, ao longo deste artigo, mostram as representações sociais, culturais e femininas de Rachel de Queiroz, ou seja, a forma como a escritora se apropriava da realidade do Nordeste e construía novas percepções, sendo estas sempre relacionadas ao ambiente social, espaço e tempo em que foram produzidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Memórias de Menina* (2003), de Raquel de Queiroz, nos apresenta as memórias da infância de uma menina, que passa por diversas situações cotidianas no interior do sertão Nordestino. Durante a leitura vai tocando o coração do leitor com a inocência da infância ao retratar a escola antiga, a beleza do circo, as mudanças das rotinas nas famílias ao passar dos anos, a desigualdade social, a exploração infantil, a força e perspicácia que tem os moradores do Ceará, a alegria dos nordestinos ao encontrar a chuva e ver o verde da plantação, a capacidade da imaginação infantil, por fim, a cultura e costumes das pessoas que seguem o cristianismo, revelando uma sociedade em que se esconde mas não some a violência e a pobreza, com a exceção dos indivíduos com muito amor no coração.

Portanto, nesta obra a enunciação da criança é o ponto principal, tornando-se o elemento essencial para que a literatura infantil faça sentido para o leitor. Seu relato retrata por um lado um país desigual e injusto, principalmente, para os mais pobres, as mulheres, as crianças e os Nordestinos; por outro lado encanta pelo lirismo, a fantasia e a imaginação que marcam o olhar infantil.

REFERÊNCIAS

- Agencia Brasil, **vida da criança e adolescente no Norte e Nordeste continua difícil**. BNC (BRASIL NORTE COMUNICAÇÃO), Recife, 21 de março de 2017. Disponível em: <<https://bncamazonas.com.br/municipios/vida-da-crianca-e-adolescente-no-norte-e-nordeste-continua-dificil/>> Acesso em: 9 de julho de 2017.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antônio. “**A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.
- CASTRO, Josué. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro, pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil** / Mary Del Priore organizadora 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- DIAS, A. C. P. **Histórias de Dona Rachel: leitura da trilogia dedicada ao público infantil**. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 7, p. 25-43, 2010.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura: discurso e história. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, [S.l.], p. 195-219, dez. 2003. ISSN 2358-9787. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3167/3113>. Acesso em: 04 jul. 2022.
- EDUCAÇÃO no Século XXI - Volume 29 – **Ludicidade**/ Organização: Editora Poisson Belo Horizonte - MG: Poisson, 2019.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Rachel de Queiroz**. Ebiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/rachel_queiroz;> /Acesso em: 08, de julho, 2021.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70)
- LIMA, A. C., & Almeida, A. M. F. (2010). **Permanências e mutações na definição intergeracional do trabalho infantil**. *Revista Educação & Sociedade*, 31(111), 347- 369.
- LINHARES, Juliana Magalhães. **História Social da Infância**. Sobral: Inta, 2016.
- MARINHO, Fernando. **"Rachel de Queiroz"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/raquel-queiroz.htm>. Acesso em 12 de julho de 2022.
- OLIVEIRA, F. Maxwell. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração / --** Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il. Manual (pós-graduação) – Universidade Federal de Goiás, 2011
- PATRIOTA, Gabriela Fernandes Rocha e ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. **Trabalho infantil doméstico no interior dos lares: as faces da invisibilidade**. *Estud. pesquisa psicol.* [online]. 2014, vol.14, n.3, pp. 893-913. ISSN 1808-4281.
- QUEIROZ, Rachel. **Memórias de menina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- REDAÇÃO PORTAL, **Relatório revela situação precária para crianças e adolescentes do nordeste**. CBN RECIFE, Recife, 19 de outubro de 2019. Disponível em:

<<https://www.cbnrecife.com/artigo/relatorio-revela-situacao-precaria-para-criancas-e-adolescentes-do-nordeste>> Acesso em: 9 de julho de 2017.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

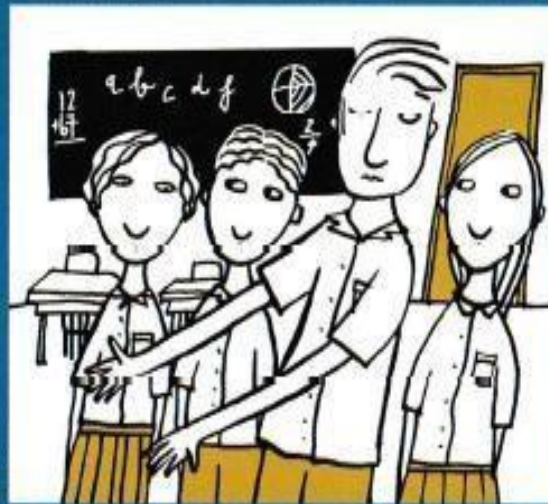
SANTOS et al. **BRASIL, 1930 - 1961**: Escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p.131 –149, jun. 2006.

SILVA, A. G. da. **Concepção de lúdico dos professores de Educação Física infantil**. Universidade estadual de Londrina. Londrina: SC, 2011.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica**: Uma intersecção entre jornalismo e literatura. Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em: 25/04/2012.

ANEXO – CRÔNICAS DO LIVRO

A Escola Antiga



ESCOLA ANTIGA

Isto se passava lá pela década de 1920.

Toda tarde, ao encerrar as aulas, naquela escola do Alagadiço, em Fortaleza, se dava a sabatina de tabuada (Vocês sabem o que é? É a tabela das quatro operações, com números de um a dois algarismos.) As crianças decoravam a tabuada em voz alta, cantando assim:

“Duas vezes um, dois, duas vezes dois, quatro, duas vezes três, seis”, etc., etc. Na hora da sabatina, os alunos de toda a classe, de pé, formavam uma roda, com a palmatória à vista, na mão da professora. Somar e diminuir ainda era fácil, mas, quando chegava a tabuada de multiplicar, era um perigo. A casa de sete, por exemplo, era a mais difícil: “Sete vezes seis, sete vezes oito” – já sabe, o coitado errava, a professora mandava o seguinte corrigir e, se ele acertasse, tinha direito de dar um bolo de palmatória na mão do que errou. Doía como fogo.

Sempre havia os sabidinhos que decoravam tudo e davam bolo nos outros. Mas lembro um grandalhão chamado Alcides, apelidado “o rei dos burros”, que não acertava jamais. Mas não chorava nunca, podia levar vinte bolos, mordida os beiços e agüentava firme. Quando chegava em casa, estava com as palmas inchadas e tinha que botar as mãos de molho em água de sal.

Algum tempo depois, inaugurou-se a chamada “Escola Nova”. Acabaram com a tabuada, com a sabatina e com a palmatória.

Acho que foi boa idéia.

Menina do Interior



MENINA DO INTERIOR

Menina de cidade, passeando de moto, dou-
rando na praia, mal sabe como é dura a sorte de mocinha do
interior. Nas famílias mais pobres, então! De pequenina, sete a
oito anos, já recebe um irmão menor para criar. E o costume é
que ela crie o menino como se fosse mesmo mãe dele, com toda
responsabilidade. Fazer mingau, banhar a criança, embalar à noite,
cuidar dele em tudo, até nas doenças.

Às vezes, são ainda tão pequenas que não podem carregar o irmão nos braços e, por isso, inventaram a maneira de carregá-lo no quadril. Tem delas que ficam até meio tortas, só com o peso constante que carregam de um lado só, durante anos.

Também é das meninas a obrigação de trazer água para casa; e quando os irmãos crescem, são elas que lavam e passam a roupa deles e ajudam a mãe na cozinha.

Nas famílias mais pobres, elas também vão para o roçado, junto com os homens da casa, capinar de enxada.

E o sinal de que uma família tem moça muito mimosa e bem tratada é dizer que ela não sabe o que é uma enxada. Mas apanhar feijão e algodão todas apanham, mesmo as de luxo.



ruivo e nu, as árvores de galhos secos parecem mortas. Verdes, só de longe em longe alguns juazeiros, que não perdem as folhas.

A gente de lá adora o inverno, com suas águas, mas também gosta do tempo seco. Aquele sol de verão parece que purifica a terra. Por ali não existem essas doenças dos climas úmidos, como impaludismo, as feridas bravas, a sapiranga nos olhos, tantas outras. Todo mundo colheu e guardou o milho e o feijão. Tendo mais uma cabra para dar leite às crianças, as galinhas no quintal, mandioca para fazer farinha, os ser tanjejos acham que é uma boa vida.



Brinquedo**BRINQUEDO**

Antigamente, havia poucos brinquedos. Menina brincava de boneca, menino brincava com carrinho. Depois, foram aparecendo os revólveres, para a criança brincar de filme de bandido. E daí surgiram tantos brinquedos incríveis, mas tantos, que já passou da conta.

Em tempo de Natal, as lojas ficam cheias de novidades fora de série. Tudo movido a pilha. Criança que não for acostumada a ver essas coisas na televisão fica até assustada.

Mas, aqui entre nós, com todos esses brinquedos espetaculares, será que, lá no fundo do coração, a garotada não sente falta das brincadeiras antigas? Brinquedo, para divertir, não precisa ser complicado. Criança gosta é de usar o “faz-de-conta”. E dizendo “FAZ-DE-CONTA”, pedaço de pau vira espada mágica, vassoura vira cavalo, cadeira vira avião...

Sim, parece que não tem mesmo dúvida. O melhor brinquedo de todos é a nossa imaginação...

Verde



VERDE

No Nordeste brasileiro, as estações do ano são só duas: o inverno, de fevereiro a maio, é o tempo das chuvas; depois é o longo verão sem chuvas, de junho a janeiro.

Em julho, a folha do mato começa a mudar. De agosto a setembro, as folhas secam e caem. De outubro em diante, o verde já desapareceu dos campos e das árvores. É só o chão



Assim mesmo, a terra seca do verão não deixa de ser triste e até feia. Mas, então, por fins de janeiro, começo de fevereiro, de repente, dá uma grande chuva, passa um dia e uma noite chovendo. E, na manhã seguinte, quando a gente se levanta, descobre um milagre.

O chão, as moitas, as árvores – está tudo coberto de verde! Os galhos secos se encheram de rebentos verdes, e a terra está feito um tapete cerrado de brotos verdes que o povo chama “babugem”.

O sertão ressuscita, vestido de verde, e é a coisa mais linda do mundo.